**Escola Secundária Dr. Manuel Fernandes**

**Teste de Avaliação nº3 – Versão 1**

**PortuguÊs – 12º Ano**

**2017/2018**

**GRUPO I – 100 pontos**

Leia, com atenção o seguinte poema. Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

**A**

|  |  |
| --- | --- |
| 5101520 | Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo,E ao beber nem recordaQue já bebeu na vida,Para quem tudo é novoE imarcescível[[1]](#footnote-1) sempre.Coroem-no pâmpanos[[2]](#footnote-2) ou heras, ou rosas volúveis,Ele sabe que a vidaPassa por ele e tantoCorta a flor como a eleDe Átropos[[3]](#footnote-3) a tesoura.Mas ele sabe fazer que a cor do vinho esconda isto,Que o seu sabor orgíaco[[4]](#footnote-4)Apague o gosto às horas,Como a uma voz chorandoO passar das bacantes[[5]](#footnote-5).E ele espera, contente quase e bebedor tranquilo,E apenas desejandoNum desejo mal tidoQue a abominável ondaO não molhe tão cedo. |

*Odes de Ricardo Reis* (notas de João Gaspar Simões & Luizde

Montalvor), Lisboa, Ática, 1946 (imp.1994), p. 32.

1. Indique três aspetos que remetam para o caráter «clássico» da poética de Reis. (20 pontos)

Esta opção classicista reflete-se **na forma** (composição em ode) e **nas temáticas** (a ataraxia epicurista; a aceitação e autodisciplina estoicas; o carpe diem). Também a **referência à mitologia e tradições clássicas** revela o gosto pela Antiguidade Clássica («Átropos», «Bacantes»).

1. Identifique o recurso expressivo em «Que a abominável onda» (v. 19), explicitando o seu valor. (20 pontos)

A **metáfora de morte** tem como objetivo sublinhar o caráter avassalador do momento fatal, ao qual ninguém consegue escapar.

1. Explicite a filosofia de vida defendida ao longo do poema, ilustrando a sua resposta com elementos textuais. (20 pontos)

No poema, estão implícitas **várias ideias filosóficas**. Por exemplo:

– **Epicurismo:** o presente é o tempo que nos é concedido, privilegiando-se o prazer de cada momento, a busca da felicidade relativa e a ausência de perturbação (ataraxia) – «Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo», v. 1; «Para quem tudo é novo / E imarcescível sempre», vv. 4-5.

 **– Estoicismo:** aceitação das leis do Destino e do Tempo – «E ele espera, contente quase e bebedor tranquilo», v. 16.Consciência da inutilidade do esforço e da indagação sobre o futuro – «Ele sabe que a vida / Passa por ele e tanto / Corta a flor como a ele / De Átropos a tesoura», vv. 7-10;

 – **Carpe diem** – «Para quem tudo é novo/E imarcescível[[6]](#footnote-6) sempre.», vv. 4-5; «Mas ele sabe fazer que a cor do vinho esconda isto, / Que o seu sabor orgíaco / Apague o gosto às horas», vv. 11-13.

**B**

Leia o seguinte excerto do *Sermão de Santo António aos Peixes*, do Padre António Vieira.

Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não; não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos, e para o Sertão? Para cá, para cá; para a Cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os Tapuias se comem uns aos outros; muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças, e cruzar as ruas; vedes aquele subir, e descer as calçadas, vedes aquele entrar, e sair sem quietação, nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

Morreu algum deles, vereis logo tantos sobre o miserável a despedaçá-lo, e comê-lo. Comem-no os herdeiros, comem-no os testamenteiros, comem-no os legatários, comem-no os acredores; comem-no os oficiais dos órfãos, e os dos defuntos, e ausentes; come-o o Médico, que o curou, ou ajudou a morrer; come-o o sangrador, que lhe tirou o sangue; come-a a mesma mulher, que de má vontade lhe dá para a mortalha o lençol mais velho da casa, come-o o que lhe abre a cova, o que lhe tange os sinos, e os que, cantando, o levam a enterrar: enfim, ainda o pobre defunto o não comeu a terra, e já o tem comido toda a terra. Já se os homens se comeram somente depois de mortos, parece que era menos horror e menos matéria de sentimento. Mas para que conheçais a que chega a vossa crueldade, considerai, peixes, que também os homens se comem vivos assim como vós. [...]

Vede um homem desses que andam perseguidos de pleitos ou acusados de crimes, e olhai quantos o estão comendo. Come-o o Meirinho, come-o o Carcereiro, come-o o Escrivão, come-o o Solicitador, come-o o Advogado, come-o o Inquiridor, come-o a Testemunha, come-o o Julgador, e ainda não está sentenciado, e já está comido. São piores os homens que os corvos. O triste que foi à forca, não o comem os corvos senão depois de executado, e morto; e o que anda em juízo, ainda não está executado, nem sentenciado, e já está comido. […]

Pois isto mesmo é o que vós fazeis. Os maiores comeis os pequenos; e os muito grandes não só os comem um por um, senão os cardumes inteiros, e isto continuamente sem diferença de tempos, não só de dia, senão também de noite, às claras e às escuras, como também fazem os homens.

Padre António Vieira, *Padre António Vieira: Obra completa* (dir. José Eduardo Franco e Pedro Calafate),

tomo II, volume X, *Sermões Hagiográficos*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2013, pp. 149-153.

1. Ex4plicite os sentidos atribuídos ao verbo «comer» no primeiro parágrafo do excerto, fundamentando a sua resposta com expressões textuais. (20 pontos)

O verbo «comer» surge com **valor denotativo** quando o pregador refere o caso dos Tapuias, que são antropófagos («Cuidais que só os Tapuias se comem uns aos outros», ll. 2-3), e com **valor conotativo** quando pretende falar da atuação dos «brancos», dos colonos, que tudo fazem para explorar («comer») os outros («muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos», ll. 3-4; «tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer», ll. 6-7).

1. Relacione as repreensões aos peixes com o caráter alegórico do Sermão. (20 pontos)

As **repreensões aos peixes dirigem-se alegoricamente aos homens**, facto visível nos exemplos humanos mencionados. Assim, pretende-se criticar a exploração feita pelo homem ao homem, desde a exploração dos negócios em torno dos defuntos, a exploração dos familiares de quem morre e a exploração do sistema judicial, tudo executado às claras, pois quem explora está ciente da sua impunidade.

**GRUPO II (60 pontos)**

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta, indicando o número do item e a letra que identifica a opção escolhida. (6 pontosx10)

Leia atentamente o seguinte texto.

Meu «caso» com Fernando Pessoa

|  |  |
| --- | --- |
| 5101520 | Chamo de «caso» àquele contacto de alma que o próprio Pessoa passou a vida toda a esconder/revelar. O meu «caso» com o poeta começou no final dos anos sessenta, quando ouvi pela primeira vez a música de Caetano Veloso «É proibido proibir», momento libertário da juventude para se antepor à tirania da ditadura em que vivíamos. No meio da sua interpretação antológica[[7]](#footnote-7), e contrariando os que esperavam palavras de ordem, casuísticas[[8]](#footnote-8), Caetano introduzia a declamação de umas palavras estranhas e enigmáticas, que se alojaram no meu inconsciente como premissas de um tempo novo, inevitável. Corri atrás dessas palavras e vim a saber, estarrecido, que eram de um poeta português, de que eu mal ouvira falar. Comprei o livro, as obras então completas (a edição é de 1960), da Editora Aguilar: o poema era «D. Sebastião»[[9]](#footnote-9), terceira parte da *Mensagem*. A partir daí uma paixão súbita e definitiva me incendiou o coração e nunca mais parei de ler e amar Pessoa. Com o passar do tempo, cheio de pudor e cumplicidade oculta, fui-me embebedando daquela solidão imensa até descobrir que tinha sido irremediavelmente capturado pelo delírio épico da *Mensagem*. Fernando Pessoa traduz em linguagem metafórica uma antiga aspiração do ser humano, o sentimento obscuro de que existe um mundo interior a ser descoberto, à semelhança dos descobrimentos portugueses. Essa sensação de intervalo, essa ânsia doída, contida nos versos do poeta, reflete aquilo que não temos e não vemos, mas desejamos e queremos: navegar por dentro, no rumo do lugar encoberto onde reina o mais legítimo de nós. Mas cortejar o espírito argonauta era pouco e a forma que encontrei para comungar com o poeta foi a música. Musicar os poemas da *Mensagem* (o primeiro disco, com vários intérpretes, saiu em 1986 e agora vou no terceiro, e último) foi um desdobramento quase natural do meu primeiro contacto, tantos anos atrás. Expressar esse sentimento abstrato de pertença absoluta a uma «causa» foi a tarefa que o destino me impôs. As músicas da *Mensagem* – sem medo, sem mistificação – começaram a descer como molduras sobre telas e, cumprindo apenas a função de integrar-se a elas, integraram-me a ele.André Luiz Oliveira, in *o editor, o escritor e os seus leitores*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2012. |

1. A música de Caetano Veloso, «É proibido proibir» surgiu, num contexto ditatorial, como
2. uma reivindicação clara e antológica.
3. um meio direto e explícito de contestação.
4. uma forma de contestação singular e enigmática.
5. uma forma de contestação meticulosa e enigmática.
6. As palavras declamadas do poema «D. Sebastião»
7. provocaram espanto e curiosidade no autor.
8. despontaram no autor a certeza de um futuro melhor.
9. instalaram no autor uma possível esperança de um futuro melhor.
10. contribuíram para o estranhamento e a indefinição.
11. Para o autor do texto, Fernando Pessoa traduz, através da linguagem,
12. a busca eterna do Homem da sua verdadeira essência interior.
13. os mundos descobertos pelos descobrimentos portugueses.
14. a exaltação épica dos descobrimentos portugueses.
15. a vontade humana de navegar e descobrir novos mundos físicos.
16. No contexto em que ocorre, o vocábulo «doída» (l.15) remete para a ideia de
17. ofensa.
18. queixa.
19. mágoa.
20. ressentimento.
21. Na expressão «como molduras sobre telas» (l.22) o autor recorre a uma
22. metáfora.
23. perífrase.
24. hipérbole.
25. comparação.
26. No excerto «Corri atrás dessas palavras e vim a saber, estarrecido, que eram de um poeta português, de que eu mal ouvira falar.» (ll.7-8), as palavras sublinhadas são
27. um pronome e uma conjunção, respetivamente.
28. uma conjunção e um pronome, respetivamente.
29. pronomes em ambos os contextos.
30. conjunções em ambos os contextos.
31. A oração «onde reina o mais legítimo de nós.» (ll.16-17) é uma oração subordinada
32. substantiva relativa.
33. substantiva completiva.
34. adjetiva relativa explicativa.
35. adjetiva relativa restritiva.

**C; B; A; C; D; B; D**

1. Refira a função sintática desempenhada pela oração subordinada presente em «O meu “caso" com o poeta começou no final dos anos sessenta, quando ouvi pela primeira vez a música de Caetano Veloso […]» (ll.2-3). **Modificador**
2. Refira a função sintática desempenhada pelo constituinte “…pelo delírio épico da *Mensagem*.” (l.12)

**Complemento agente da passiva**

1. Identifique o antecedente do pronome «ele» presente na expressão «[…] integraram-me a ele.» (l.23). **Fernando Pessoa; o poeta**

**GRUPO III (40 pontos)**

 “ (…) Descendo hoje a Rua Nova do Almada, reparei de repente nas costas do homem que a descia adiante de mim. Eram as costas vulgares de um homem qualquer (…). Senti de repente uma coisa parecida com ternura por esse homem. Senti nele a ternura que se sente pela comum vulgaridade humana, pelo banal quotidiano do chefe de família que vai para o trabalho (…). Todo ele, que caminha adiante de mim com passada igual à minha, dorme. Vai inconsciente. Vive inconsciente. (…).Desvio os olhos das costas do meu adiantado, e passando-os a todos mais, quantos vão andando nesta rua, a todos abarco nitidamente na mesma ternura absurda e fria que me veio dos ombros do inconsciente a quem sigo.”

“Do Livro do Desassossego”, Bernardo Soares

Recorde o estudo que fez dos fragmentos do *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares.

Elabore uma exposição escrita de 100 a 200 palavras subordinada ao tema:

**Perceção e transfiguração poética da realidade.**

 Obra fragmentária, *O Livro do Desassossego* revela um protagonista, um narrador, em permanente deambulação por um espaço geográfico.

 Nestas suas deambulações pela cidade de Lisboa, o narrador é um observador acidental da realidade que perceciona, para imediatamente ser transportado para a imaginação. Neste caso ele é atraído subitamente pelas “costas vulgares de um homem qualquer”. São estas “costas” que desencadeiam instantaneamente uma reflexão sobre a vulgaridade humana representada pelo homem “Senti de repente uma coisa (…) que se sente pela comum vulgaridade humana, pelo banal quotidiano…”.

 São estes detalhes do quotidiano que fazem com que o discurso de Bernardo Soares caminhe frequentemente para a divagação, para o sonho. É a transfiguração poética da realidade.

(114 palavras)

1. *Imarcescível*: duradouro, que não murcha ou fenece. [↑](#footnote-ref-1)
2. *Pâmpanos*: hastes da videira cobertas de folhas e de frutos [↑](#footnote-ref-2)
3. *Átropos*: uma das três moiras da mitologia grega, que regiam os destinos humanos. [↑](#footnote-ref-3)
4. *Orgíaco*: festa em honra de Baco. [↑](#footnote-ref-4)
5. *Bacantes*: sacerdotisas de Baco. [↑](#footnote-ref-5)
6. *Imarcescível*: duradouro, que não murcha ou fenece. [↑](#footnote-ref-6)
7. Antológica: que merece ser registada. [↑](#footnote-ref-7)
8. Casuísticas: minuciosas. [↑](#footnote-ref-8)
9. D. Sebastião: poema do livro Mensagem recitado por Caetano Veloso no meio de «É proibido proibir», canção decisiva da história da música brasileira de protesto contra o regime militar então vigente. [↑](#footnote-ref-9)